

NO BALANÇO DA LUDICIDADE O CORPO SE MOVIMENTA: PESQUISA E ESTÁGIO NA ACADEMIA DA SAÚDE

Franciele Santos da Silva¹
Gabrielli Aparecida Ferreira²
Valéria Barbosa Evangelista³
Sandra Thomaz de Aquino⁴

Resumo: O presente trabalho foi desenvolvido na Academia da Saúde, de Bom Jesus da Lapa/BA, é fruto do componente curricular Estágio I: em espaços não escolares, do curso de licenciatura em Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Campus XVII. Esse artigo aborda a importância da atuação do pedagogo em espaços não escolares, uma vez que esses locais são repletos de conhecimentos essenciais para a formação desses educadores. Assim, como objetivo geral, buscamos compreender de que forma a atuação desse profissional contribui para a melhoria de vida dos usuários da Academia da Saúde. Logo, esses estudos se debruçam em uma abordagem qualitativa, de uma pesquisa de campo, onde foram utilizados como recursos de coleta e construção dos dados: a observação, o diário de campo e a entrevista semiestruturada. Além de estabelecer uma relação entre teoria e prática, a experiência do estágio ampliou a percepção acerca das várias possibilidades de atuação que a pedagogia proporciona para seus futuros profissionais. Como resultados, nos levou a reconhecer que a educação não é algo exclusivo da escola, os espaços não escolares também oferecem múltiplas experiências, exercendo assim, uma função educativa importantíssima para o desenvolvimento da qualidade de vida e consequentemente da vida em sociedade.

Palavras-chave: Estágio em Espaços Não Escolares. Ludicidade. Corpo e Movimento. Formação Pedagógica.

Introdução:

Este artigo intitulado “No Balanço da Ludicidade o Corpo se Movimenta: pesquisa e estágio na Academia da Saúde” destaca a importância da realização de estudos efetuados pelos pedagogos em espaços não escolares, visto que esses locais oferecem múltiplas experiências que contribuem para sua formação, como também discute o quanto é essencial a realização de

¹ Graduanda em Pedagogia, turma 2017.2, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCHT, Campus XVII. Bom Jesus da Lapa/BA, Brasil. fransilva1206@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia, turma 2017.2, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCHT, Campus XVII. Bom Jesus da Lapa/BA, Brasil. gabiasf15@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia, turma 2017.2, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCHT, Campus XVII. Bom Jesus da Lapa/BA, Brasil. valeria.evangelista222@gmail.com

⁴ Professora do Curso de Pedagogia. Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – DCHT, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa/BA, Brasil. sandrathomazuneb@gmail.com



atividades lúdicas nos momentos de aprendizagem. Diante destes fatos, é relevante falar sobre o tema e reconhecer a educação que é adquirida e compartilhada nesses ambientes.

Como se sabe, desde a antiguidade, os seres humanos tem estado em constante movimento para realizar as mais diversas tarefas em sociedade. A partir desta movimentação, foram descobertas atividades associadas a sensações e sentimentos positivos, que resultaram na formulação do conceito de ludicidade, como nos orienta Bacelar (2009). Assim, considerando o fato de que o lúdico sempre esteve atrelado à história humana e à capacidade de expressão, transformação e criatividade, são notórios os benefícios que a execução de atividades lúdicas traz para o bem estar e a qualidade de vida das pessoas. Portanto, as dinâmicas dessas relações devem ser analisadas e compreendidas para melhor atuação entre os grupos sociais.

Nesse sentido, de acordo com Gohn (2010), é relevante que os pedagogos compreendam os espaços de atuação de um profissional da educação, visto que entender que trabalhar em lugares não atrelados ao ambiente escolar possibilita o contato com outras realidades e o desenvolvimento de novas metodologias para auxiliar no desenvolvimento de diferentes grupos sociais.

Ademais, a motivação de cunho social deste trabalho contou na colaboração com a população, para que através da inserção em atividades lúdicas possam ter garantia de seu direito à educação e lazer, que é “um direito social” e “direito de todos e dever do Estado e da família, em colaboração com a sociedade (...)”, conforme a Constituição Federal (BRASIL, 1998, art. 6º).

Nessa perspectiva, partimos da seguinte indagação: como o pedagogo contribui para a qualidade de vida das pessoas em espaços não escolares? Assim, para consolidar estes estudos, temos como objetivo geral compreender a atuação do pedagogo para contribuir na melhoria da qualidade de vida dos usuários da Academia da Saúde, um projeto social, na referida cidade.

Para responder essa questão que norteia a pesquisa, utilizamos concepções de estudiosos como Bacelar (2009), Bercht (2001), Bezzerra e Hermida (2011), Brasil (1998), Gohn (2010), Kishimoto (1996), Lopes (2003), Pimenta (2001), Pimenta e Lima (2005/2006). No que tange a metodologia científica: Oliveira (2002), Ruiz (1996), Pádua (2012) e, Triviños (1987). A leitura das abordagens destes teóricos contribuiu para o entendimento da ludicidade, dos métodos utilizados na pesquisa e da importância do estágio enquanto forma de obtenção de conhecimentos acerca da prática pedagógica em diferentes espaços sociais. Portanto, através destas leituras e do desenvolvimento do estágio na Academia da Saúde, foi possível

compreender de forma teórica e prática a articulação entre sociedade, educação, estágio e ludicidade.

Caminho metodológico:

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, uma vez que permitiu analisar, interpretar e compreender a importância do uso da ludicidade, corpo e movimento em espaços não formais. Dessa maneira, Oliveira (2002), coopera dizendo que a pesquisa qualitativa é uma grande facilitadora no processo de análise e entendimento do objeto a ser pesquisado. Tratou-se ainda de uma pesquisa de campo que, segundo Ruiz (1996, p.50), “[...] consiste na observação dos fatos tal como ocorre espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para posteriores análises”. Vale lembrar que esse tipo de pesquisa conta com a etapa da coleta de dados que é feita nas condições naturais do ambiente pesquisado e conta com controles adequados e objetivos pré-estabelecidos.

Para o desenvolvimento desse trabalho, usou-se recursos de coleta de dados que nos permitiram ter uma maior aproximação com a rotina dos usuários da academia da saúde. O primeiro recurso usado na fase inicial da pesquisa foi a observação que, de acordo com Ruiz (1996, p.53), “é aplicar a atenção a um fenômeno ou problema, captá-lo, retratá-lo tal como se manifesta”. Assim, foi possível ampliar nossos conhecimentos sobre o convívio e a realidade dos participantes, percebidos através das atividades propostas e realizadas.

Ainda, para auxiliar na coleta dos dados, contamos com o uso do diário de campo, que segundo Triviños (1987) complementa as informações sobre o cenário em que a pesquisa se desenvolve e como estão envolvidos os sujeitos, de modo a registrar informações não coletadas anteriormente. Por isso, o diário de campo ampliou as visões a respeito do grupo e do local pesquisado, através de tudo aquilo que anotamos e ajudou na rememoração dos acontecimentos considerados importantes e que foram devidamente registrados durante as observações.

É importante salientar que as falas dos participantes nos permitiu analisar minuciosamente as percepções durante as observações, fornecendo dados relevantes para os estudos aqui desenvolvidos. Também fizemos uso do recurso de entrevista semiestruturada, para realizar perguntas sobre o assunto, colher informações sobre o local e dos participantes da pesquisa, dando certa liberdade aos entrevistados para falarem e ao entrevistador para guiar a entrevista e evitar a fuga ao assunto. Assim, Pádua (2012) defende que o pesquisador elabore perguntas a respeito do assunto pesquisado, mas deve permitir também que o entrevistado



expresse livremente suas ideias, desde que esteja ligado ao tema. Portanto, esse instrumento viabilizou a obtenção de informações provenientes da opinião, das expectativas e percepções dos participantes a respeito do objeto pesquisado e sobre algumas informações que talvez não tenham sido observadas pelas pesquisadoras.

A partir disso, o local escolhido para realizar a pesquisa foi a Academia da Saúde que fica localizada na Avenida Almirante Beirutt, S/n, no bairro Cavallhada, que está situada na cidade de Bom Jesus da Lapa/BA. Esse espaço apresenta cinco cômodos, sendo uma sala de convivência, uma sala de avaliação nutricional, uma sala de avaliação física, um banheiro feminino e um masculino. Na sala de convivência, acontecem as aulas de atividade física de “Tae Bo”, ministradas pelo professor “X” e, as aulas de “zumba”⁵, com a professora “Y”. Salientamos que os participantes dessa pesquisa, tanto profissionais que trabalham no projeto social, quanto seus frequentadores, serão denominados por letras, por se tratar de pequeno centro e resguardar suas identidades. Algumas vezes da semana, os participantes preferiam que os professores executassem as aulas na praça que fica em frente à Academia, o espaço da sala de convivência é pequeno para as pessoas se movimentarem durante as atividades. Além disso, quando o ar condicionado tinha algum defeito, os participantes não conseguiam permanecer no ambiente por conta do calor.

A Academia da Saúde dispõe de uma sala nutricional onde os participantes fazem o acompanhamento com as nutricionistas que atendem quinzenalmente e, geralmente, grupos de cinco participantes. Neste local, o professor “X” ainda faz a avaliação dos participantes, tirando as medidas corporais para analisar a evolução de cada integrante e possíveis problemas de saúde. Outra sala é a de avaliação física, que é usada apenas para guardar os materiais que são manuseados durante as atividades físicas de “Tae Bo”; há também o banheiro feminino e o masculino que estão em consideradas condições de uso.

Já as pessoas que frequentam a Academia da Saúde têm entre 10 e 70 anos e são, em sua maioria, maiores de 40 anos. Dentre a minoria, estão duas garotas que participam das aulas periodicamente. As aulas de Zumba e de Tae Bo contam com duas turmas que participam em horários distintos: de manhã, e à tarde. Em ambos os grupos, as mulheres sempre estão presentes em maior quantidade. Quanto aos homens, foi possível observar apenas dois que participavam regularmente. Na maioria dos dias de análise, as aulas foram frequentadas por, em média, 25-

⁵ Zumba é um tipo de dança e Tae Bo um tipo de luta desenvolvida como atividade física

28 mulheres e 2 homens pela manhã; e 10-24 mulheres durante a tarde. A maioria dos participantes mora nos bairros periféricos da cidade e apresentam uma renda consideravelmente baixa.

O estágio como pesquisa em espaços não escolares

Tradicionalmente, o estágio costuma ser reduzido à execução de uma teoria, na qual apenas é colocado em prática o conhecimento das produções literárias. Além disso, por muitas vezes, a teoria e a prática costumam ser polarizadas, existindo a concepção de que os cursos acadêmicos oferecem todos os saberes teóricos suficientes para a prática pedagógica. Entretanto, sabe-se que isso não é correto. Segundo Pimenta e Lima (2005/2006, p. 06), “os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas, isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem”. Dessa forma, os conhecimentos adquiridos em sala de aula são, muitas vezes, incompatíveis à realidade da área na qual futuros formandos atuarão.

De acordo com Pimenta e Lima (2005/2006), enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio pode ser considerado uma atividade de pesquisa, pois, através de seu desenvolvimento, é possível que os observadores envolvidos obtenham informações e possam intervir na realidade social do grupo pesquisado. Para as autoras, se não houver esta relação, a teoria não passará de um conjunto de saberes isolados. Quanto à essência do estágio, Pimenta aborda que:

A essência da atividade (prática) do professor é o ensino-aprendizagem. Ou seja, é o conhecimento técnico prático de como garantir que a aprendizagem se realize como consequência da atividade de ensinar. Envolve, portanto, o conhecimento do objeto, o estabelecimento de finalidades e a intervenção no objeto para que a realidade (não-aprendizagem) seja transformada enquanto realidade social (PIMENTA, 2001, p. 83).

Nessa perspectiva, além de ser um método de pesquisa, o estágio permite que os estagiários possam desenvolver um olhar crítico-reflexivo em relação ao objeto observado, que pode estar presente nos ambientes escolares ou não escolares. Isto contribui para o fortalecimento da identidade docente e de pesquisador. Dessa maneira, o estágio torna-se a principal ferramenta para a construção de pesquisas em outros ambientes, como os espaços não

escolares. As experiências vivenciadas nesses locais também podem resultar na ampliação de discussões no campo da educação, levando a entender que as ações educativas vão além dos muros da escola, e estão em todos os lugares da sociedade.

Assim, a educação não formal é entendida como aquela que se aprende no “mundo da vida”, por meio de experiências vivenciadas em grupos que praticam suas ações cotidianamente. Este tipo de educação apresenta intencionalidades para alcançar os objetivos pedagógicos. Nessa perspectiva, Gohn diz que a educação não formal:

É um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais (GOHN, 2010, p.33).

Desse modo, as pesquisas realizadas em espaços não escolares contribuem para que o fortalecimento de identidades e das relações entre pessoas, a partir de diferentes interações. É através dessas conexões que se obtém saberes culturais não necessariamente apresentados nas escolas, mas que se estabelecem a partir do compartilhamento de informações e de experiências entre os sujeitos envolvidos.

Logo, a educação não formal é tão importante e legítima quanto à educação dos espaços escolares, visto que não funciona como um complemento da educação formal, pois possui intencionalidades na participação, aprendizado e troca de conhecimentos. Além disso, de acordo com Gohn (2010), os saberes informais devem ser compartilhados e reconhecidos, funcionando como objeto de resistência no repasse de aspectos culturais entre gerações, no atender a diversos grupos sociais, incentivo à criticidade e o questionamento quanto ao supervalorizado currículo erudito.

Ludicidade, corpo e movimento

O lúdico sempre esteve presente nas sociedades ao longo de nossa história, pois faz parte da construção cultural do ser humano. Ele reflete no mais profundo nível a capacidade que temos de nos (re)inventar, construir e transformar, do nosso modo, o que nos rodeia. Por isso,

é importante abordar a ludicidade como estado que cada sujeito demonstra ao executar atividades que tragam sensações positivas. Cabe considerar que, como nos orienta Bacelar:

[...] A ludicidade é interna ao indivíduo. É o estado interno que se processa enquanto o indivíduo realiza uma atividade lúdica. A atividade lúdica, como expressão externa, só será lúdica internamente se propiciar ao sujeito a sensação de plenitude, prazer, alegria (BACELAR, 2009, p.30).

Corroborando com o pensamento do autor, podemos compreender que a ludicidade requer um envolvimento, uma disposição interna e não apenas como um estímulo externo ao indivíduo, sendo necessário que se chegue ao estado lúdico de forma completa, internalizada e vivida enquanto algo prazeroso que se pratica.

Além disso, na contemporaneidade, a ludicidade costuma estar associada à infância. Mas é importante lembrar que o mundo dos adultos também necessita de atividades lúdicas, de modo a externar sua interioridade. Assim, a ludicidade torna-se um recurso pedagógico relevante para o desenvolvimento individual e coletivo quanto à cognição, saúde, criatividade e interação entre as pessoas, facilitando assim a construção pessoal, social e cultural da sociedade. Além disso, a ludicidade cria ambientes favoráveis e facilitadores à expressão corporal, sentimental e de laços afetivos. Dessa maneira, Bacelar contribui pontuando que:

[...] No estado lúdico, o ser humano está inteiro, ou seja, está vivenciando uma experiência que integra sentimento, pensamento e ação, de forma plena. Nessa perspectiva, não há separação entre esses elementos. A vivência se dá nos níveis corporal, emocional, mental e social, de forma integral e integrada. Esta experiência é própria de cada indivíduo, se processa interiormente e de forma peculiar em cada história pessoal. Portanto, só o indivíduo pode expressar se está em estado lúdico (BACELAR, 2009, p.25).

Diante disso, uma pessoa só consegue sentir o prazer que as atividades lúdicas proporcionam se estiver inteiramente entregue às práticas naquele momento, o que garante ao sujeito a sensação de prazer, alegria e plenitude.

Vale ressaltar que a ludicidade mantém relações estreitas com o corpo e os seus movimentos, pois ao trabalhar com a ludicidade o ser humano se envolve por inteiro, expressando seus pensamentos, sentimentos e ações, através de movimentos corporais. Logo, é preciso compreender que o corpo e a mente não se separam. A respeito disso, Bezzerra e Hermida (2011, p.7) afirmam que: “Se aprende com o corpo inteiro, todo corpo e seus movimentos são acionados na hora da aprendizagem. Não existe um órgão que se sente mais

ou um órgão detentor do conhecimento”. Por isso, não se deve pensar corpo separado da mente, já que eles trabalham conjuntamente.

Destaca-se que, conforme estudos de Bacelar (2009), todo corpo está imerso em uma determinada cultura. O que o corpo expressa como olhares, gestos, falas, emoções são manifestações inerentes às diferentes culturas que, quando manifestadas, são transmitidas e compreendidas por meio de simbologias, fazendo com que cada grupo de pessoas tenha uma identidade única. É através do movimento do corpo que mostramos ao mundo quem somos. Por isso, movimentar-se, é uma forma de se pôr no mundo e ocupar espaços diferentes. Portanto, o corpo é quem somos, quem já fomos e quem queremos ser, é carregado de histórias e significados.

Desenvolvimento das ações pedagógicas: vivências

O estágio realizado na Academia da Saúde foi uma atividade avaliativa proposta pela disciplina de Estágio I: Espaços não Escolares. Esse estágio oportunizou que as discentes do 5º semestre de Pedagogia, turma 2017.2, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVII, tivessem experiências em um novo espaço repleto de conhecimentos relevantes para o crescimento pessoal e acadêmico das estagiárias, e também para os alunos da Academia da Saúde.

As observações foram feitas nos turnos matutino e vespertino, durante dez dias do mês de novembro de 2019. Essas observações tinham duração de duas horas, que pela manhã começavam às 05h e terminavam às 07h, sendo que, no período da tarde ocorreram das 17h às 19h. Ressaltamos que, os dez dias de observações foram de grande importância para a percepção não somente dos benefícios que a prática das atividades realizadas e convivência em grupo extra familiar traz para a vida das pessoas, mas também entendermos sobre a melhoria nas relações com os professores e com outras pessoas. Essas relações não consistem somente na realização de exercícios, mas também em outros aspectos, como pode ser observado na fala do professor X:

“A gente sabe que não é só o profissional de Educação Física que está aqui: está um amigo delas aqui também, que além de estar lá dando aula, procura saber como elas estão” (professor X, 30 anos).

É importante citar que os professores eram bastante dedicados e comprometidos com seu trabalho, estando sempre dispostos a melhorarem suas práticas e resultados com e entre as

participantes. Ademais, havia um significativo acolhimento entre professores e alunos, sendo a relação entre eles de amizade, respeito e empatia.

Nesse sentido, quanto à relação entre os alunos de ambos os turnos, foi possível notar que havia um vínculo de amizade e interações entre eles, nos dois turnos. A interação da comunidade com os participantes da academia também era interessante. Alguns dos moradores dos arredores e pessoas que passavam na rua paravam para observar ou até participar da aula. Um exemplo disso, foi uma senhora que mora em frente à Academia, e que todos os dias ao ver as participantes dançando, começava a dançar enquanto varria a frente de sua casa. Nesses momentos, a professora interagia com ela também, de modo a estender as relações sociais, o que pode ser visualizado nas falas a seguir:

“Vem se juntar com a gente! vem dançar!” (Professora Y, 49 anos); Vem para cá!”(Participante C, 35 anos) “Olha, gente! O exemplo dela aqui: é varrendo o quintal e dançando ao mesmo tempo. Mesmo de longe ela participa. É isso aí Jovem! Mas tem que vir e se inscrever aqui na Academia, para vir todos os dias participar com a gente.” (Professora Y, 49 anos).

Quanto à coordenadora, notou-se que era vista como uma pessoa um tanto dedicada pelos participantes. Ela procurava promover eventos de lazer para os alunos, além da fiscalização rigorosa e pontual das atividades. Entretanto, podemos constatar que ela focava bastante em questões secundárias e acabava deixando de lado pontos mais urgentes, como pode ser notado em uma de suas falas durante uma entrevista:

“Olha, minha contribuição aqui é fazer eventos pra elas, porque elas amam todo mês comemorar o aniversário delas, elas gostam de passeio, elas gostam de confraternização de final do ano, elas gostam de ser presenteadas e eu busco isso para a permanência delas aqui dentro e no mais eu vou à procura delas, por ter a ausência de alguma, três, quatro dias, eu pego, vou a procura delas, ver o que está acontecendo e tudo, elas passam a dizer, eu passo muitas vezes pra a assistente social, passo para o psicólogo, passo pra um médico, ajudo elas nesse sentido” (Coordenadora Z, 61 anos).

Portanto, sugere-se a flexibilidade dos professores, a necessidade de aumento do corpo docente, a sensibilidade e compreensão para com os participantes e a qualidade da fiscalização sejam prioritárias no exercício de sua função.

A partir destas análises, foram pensadas ações que envolvessem a ludicidade e resultassem na variação nas atividades físicas realizadas na Academia durante cinco dias de conclusão do estágio e ação pedagógica das estagiárias. Vale ressaltar que, devido à falta de

tempo, nem todos os momentos planejados foram realizados ou alcançaram os objetivos que foram definidos. Em virtude disso, optamos por relatar alguns momentos que foram muito relevantes para a aprendizagem e formação pedagógica destas estagiárias.

Nas ações pedagógicas desenvolvidas no primeiro dia de regência, trabalhamos com o tema “Relações de sociabilidade”, com o objetivo de falar sobre a importância da amizade, de estreitar os laços afetivos entre o grupo e realizar atividades físicas que envolvessem a participação em conjunto das participantes, uma vez que Bercht contribui afirmando:

[...] a afetividade pode ser conceituada como todo o domínio das emoções, dos sentimentos das emoções, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato com sensações, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas (BERCHT, 2001, p.59).

Dessa forma, essas relações afetivas foram mostradas principalmente no momento em que trabalhamos com a dinâmica da teia, visto que, foi pedido para os participantes dizerem o que significava a amizade para cada um, quando algumas palavras mais expressadas e anotadas no diário de campo foram:

*“Amor” (Participante MJ, 61 anos), “parceria” (Participante E, 47anos)
“confiança” (Professor X, 30 anos), “união” (Participante D, 31 anos)
“companheirismo” (Participante B, 45 anos), “tudo de bom” (Participante S, 38 anos).*

Assim, os objetivos almejados foram alcançados, uma vez que grande parte das participantes de ambos os turnos se sentiram à vontade para falar sobre o assunto abordado e interagir com as estagiárias trazendo sentimentos humanitários ao momento proposto.

No segundo dia de aplicação das ações pedagógicas, foram desenvolvidas atividades com a temática “O nosso corpo em movimento”, tendo como objetivo proporcionar movimentos corporais a partir de jogos e brincadeiras, para exercitar a coordenação motora das participantes. No que diz respeito aos jogos e brincadeiras, Kishimoto defende que:

O jogo é um instrumento pedagógico muito significativo. No contexto cultural e biológico é uma atividade livre, alegre que engloba uma significação. É de grande valor social, oferecendo inúmeras possibilidades educacionais, pois favorece o desenvolvimento corporal, estimula a vida psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo, preparando a criança para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações sociais tais como estão postos (KISHIMOTO, 1996 p. 26).

Logo, estes recursos lúdicos pedagógicos foram fundamentais para o desenvolvimento psíquico e motor das participantes. Também foi abordada pelas estagiárias a importância de movimentar o corpo para obter uma vida mais saudável, além de ter sido realizado um momento de relaxamento com músicas que remetiam a sons da natureza. Nesse segundo momento, três das integrantes que participavam das ações, no turno vespertino começaram a se concentrar, relaxar e expuseram a imaginação de algumas situações e ambientes que lhes proporcionavam sonhos, prazeres, expressões de suas realidades. Como podem ser observadas nas suas falas, que relataram o seguinte:

“Apareceu aquele príncipe que falou assim: vamos dar uma volta? E eu saía galopando mais ele, eu em um cavalo e ele em outro, Ai, quando chegou lá na frente, encontramos aquela cachoeira, a coisa mais linda. Daqui a pouco apareceu meu neto” (Participante D, 52 anos). “Eu me imaginei na pia lavando louça, depois eu falei: não lavo mais louça. Vesti o maiô e fui para a cachoeira, e tinha tanto pássaro, tanto pássaro que até eu comecei a voar” (Participante C, 35 anos). “Sabe o que eu pensei para falar a verdade? Que eu estava em um lugar assim bom, só eu, que não ia chegar em casa e não ia ter janta para fazer, porque eu janto, meu marido janta, ai eu tenho que fazer janta. Ai eu fico com aquele: embora tomar banho João, vai João. Ai eu pensei que não ia ter nada disso hoje. Que eu só ia chegar, tomar um banho e deitar debaixo de um ar condicionado” (Participante N, 45anos).

Através desses relatos, percebemos que naquele momento elas alcançaram instantes de relaxamento que as levaram para lugares e situações atípicas, como uma expressão ideal de satisfação, ludicidade e prazer.

Também foi feita nesse segundo dia a mímica, a partir de imitações de diferentes personagens, animais e sentimentos. Nesse momento, notamos que algumas participantes demonstraram maior desenvoltura, se envolvendo mais que outros, onde o momento lúdico proporcionou muitos risos e animação, como pode ser observado em algumas falas transcritas no diário de campo, como por exemplo:

“Isso é fácil!” (Participante C, 35 anos), “Ah também ela só pega as coisas mais fácil, e eu fico com a mais difícil para imitar” (Participante D, 31 anos), “Eu não acredito que vocês não sabem o que é isso!” (Participante C, 35 anos), “Ai, eu vou ter que imitar isso?” (Participante D, 31 anos), “Ai, eu estou com vergonha!” (Participante S, 38 anos).

Ainda nesse dia de oficina pedagógica, foi realizada a brincadeira africana “Pegue o bastão”, na qual percebemos a vontade das participantes por saber como aquela atividade

funcionava. Depois de compreenderem a dinâmica da brincadeira, elas passaram a ajudar às participantes que ainda não haviam entendido, além de pedirem para repetir a brincadeira que lhes haviam animado. Isso é comprovado em algumas falas registradas no diário de campo, como por exemplo:

Olha é fácil, é só você girar para esse lado. Vamos de novo que não deu certo não!
(Participante C, 35 anos).

Também foram percebidas, em algumas participantes, dificuldades quanto à coordenação motora grossa e a execução de movimentos de lateralidade. Entretanto, elas sempre demonstravam vontade de participar, tendo a atividade lúdica sido de prazer e satisfação. A partir disso, pôde-se considerar que houve êxito na realização de toda a oficina, pois tanto as participantes, quanto o professor entenderam a importância de se exercitar em conjunto o corpo e a mente através das atividades lúdicas realizadas.

No terceiro dia de atividades pedagógicas, foram realizadas ações baseadas no tema “Desenvolvimento afetivo”, com o intuito de exercitar a coordenação motora, memória e atenção das participantes, além disso, os exercícios propostos também eram pautados nas relações de amizade e cooperação entre as participantes. Foi apresentado o conceito de jogos e brincadeiras e de sua importância pelas estagiárias e, em seguida, as participantes foram divididas em grupos para realizar o circuito que dispunha de diversos objetos complementares e exercícios desenvolvidos por práticas lúdicas. Nesse circuito, foi observada uma parceria entre eles para concluir a atividade com mais eficácia, o que supre o objetivo de cooperação inicialmente desejado. Com base em alguns discursos anotados no diário de campo, foi possível notar essas colaborações, muito mais que competitividade:

“Vai, você vai conseguir!” (Participante C, 38 anos). *“Não. Volta tem que passar na escada primeiro!”* (Participante R, 27 anos). *“Corre, joga a bolinha logo!”* (Participante B, 45 anos).

Vale ressaltar que o circuito foi realizado do lado de fora da academia devido à disponibilidade de espaço ser reduzida, como é possível confirmar na fala de uma das alunas, durante a entrevista, quando perguntada sobre que melhoria que gostaria de ver na academia:

“O que eu gostaria era aumento na... ali no... ali no lugar da Academia, porque ali é muito apertadinho, se tivesse um meio para aumentar era bom” (Participante M, 69 anos).



Posteriormente, os mesmos grupos que participaram do circuito tiveram como proposta pedagógica montar um quebra-cabeça construído a partir de uma foto deles mesmos. Neste instante, constatamos que elas se sentiram sujeitos importantes, uma vez que uma das participantes ao perceber que era a foto do grupo, disse:

“Eu quero montar o da gente!; Tem eu aqui? Eu estava aqui?” (Participante R, 27 anos).

Assim, todas as atividades foram concluídas com êxito, visto que, com a realização destes momentos, ficou evidente a alegria e o prazer das participantes em estar fazendo parte do circuito e das brincadeiras propostas. Pudemos notar o quanto a vida em grupo é prazerosa, o quanto a solidariedade e formação humana dependem da vida em grupo e de ações que despertem a empatia de seus componentes.

No quarto dia de ações pedagógicas, as atividades realizadas tiveram como tema “A coordenação motora”, com o objetivo de incentivar a desenvoltura física e criatividade das participantes, explorando a coordenação motora deles por meio da confecção de artesanato. Kiphard e Schilling (1970, apud LOPES et al., 2003), definem coordenação motora como a integração econômica e harmoniosa do sistema músculo-esquelético, sistema nervoso e sistema sensorial [...]. Desse modo, buscou-se oferecer às participantes alternativas para exercitar suas habilidades manuais e intelectuais. Foi-lhes explicado o que é artesanato e, posteriormente, cada uma confeccionou um vasinho de plantas. Essa atividade foi concluída com sucesso em ambos os turnos, sendo que foi possível perceber que elas tinham ideias muito interessantes, além de se divertirem durante a construção dos vasilhinhos confeccionados com material reciclável. Diante do exposto, algumas falas mostram esse resultado:

“Eu vou desenhar um navio no mar, no meu” (Professor X, 30 anos). “Eu posso levar para casa? Para plantar uma mudinha que eu tenho lá em casa” (Participante MG, 67 anos).

A quinta ação pedagógica abordou a temática “A importância de cuidar da saúde”, uma vez que se torna essencial compreender que corpo e mente está interligada e ambos precisam de cuidados para se ter uma vida saudável. A partir da abordagem sobre a importância das atividades físicas e de uma alimentação saudável. Inicialmente, foi realizada uma roda de conversa para que os componentes da Academia da Saúde avaliassem as atividades que foram

propostas pelas pedagogas estagiárias, dizendo o que gostaram e o que poderia melhorar nas práticas realizadas. A respeito disso, as falas anotadas no diário de campo foram:

“Foi muito bom! chegaram quietinhas, mas depois fiquei sabendo o que vocês queriam aqui. Eu acho que faltou só vocês se apresentarem no início” (Participante C, 62 anos). “Foi tudo maravilhoso! Eu até viajei. Fui parar na cachoeira. Tudo o que vocês trouxeram foi novidade e que trabalha a mente, o corpo, trabalha tudo” (Participante C, 35 anos). “Gostei muito do trabalho de vocês, principalmente do dia do relaxamento!” (Participante D, 52 anos). “Eu gostei muito do dia do circuito” (Participante R, 27 anos). “Gostei da aula de ontem, porque trabalhamos com artesanato” (Participante D, 31 anos). “Gostei de vocês, venham mais vezes!” (Participante MJ, 61 anos), “Eu gostei da aula de ontem e do brinquedo que ela fez para mim” (Participante D, 11 anos). “O trabalho foi muito bom, porque vocês trouxeram propostas novas que a gente pode está trabalhando mais vezes, a exemplo do artesanato” (Professor X, 30 anos).

No final, foram feitos os agradecimentos a todos os participantes da academia, além da entrega das lembrancinhas que foram confeccionadas pelas estagiárias. Os alunos fizeram avaliações muito positivas sobre a realização do estágio, além de relatarem que gostariam de ter a presença das estagiárias pedagogas em outros momentos.

Diante de tudo isso, observamos que a ludicidade exerce uma função extremamente importante na vida das pessoas, permitindo que elas estejam em constante movimento do corpo, de forma divertida e prazerosa. Além disso, para as estagiárias, é bastante relevante o planejamento e a execução de ações pedagógicas que contribuiram para a formação enquanto futuras pedagogas, além da ressignificação dos jogos e brincadeiras como algo essencial à natureza humana, como uma prática que devem estar presente em todas as etapas geracional da vida. Ademais, a realização do estágio em um espaço não escolar serviu para compreender na prática que os professores podem e devem atuar nestes lugares, e que neles existem diversas formas de ensino e aprendizagens, que sempre estão sustentadas pela teoria, como nos orienta Pimenta e Lima (2005/2006).

Considerações acerca dos resultados alcançados

A partir das experiências vivenciadas no estágio na Academia da Saúde, foi possível observar a importância da presença de pedagogos em espaços não escolares, que vão além dos muros da escola. A inserção de profissionais da pedagogia, além de ser imprescindível para a quebra do paradigma da possibilidade de atuação docente apenas em sala de aula, colabora para

a reformulação de técnicas e de instrumentos de ensino em espaços não escolares. Por meio das ações pedagógicas, os profissionais da área da educação podem apresentar soluções para as relações de aprendizagem, de maneira mais dinâmica e tecnológica. Além disso, pelo fato de a educação ser um objeto de transformação social, os pedagogos deve ter o compromisso de promover mudanças e o alcance de mais justiça e igualdade nos espaços onde há problemas econômicos e sociais.

Além disso, a ludicidade é um recurso pedagógico muito importante na construção de conhecimentos, trazendo vários benefícios através de sua prática. O lúdico é fundamental no desenvolvimento psíquico e físico das pessoas, independente da etapa geracional da vida em que se esteja. As brincadeiras e os jogos ajudam no exercício do raciocínio lógico, coordenação motora e formulação de estratégias, além de proporcionar bem-estar aos envolvidos alargando sua sociabilidade e empatia. Portanto, os pedagogos também podem atuar profissionalmente em espaços não escolares através dessas atividades em diferentes contextos e ambientes.

Diante das observações e ações pedagógicas realizadas pelas estagiárias na Academia da Saúde, foi possível concluir que os pedagogos têm papel fundamental em espaços não escolares. Por meio da visão social crítica, os docentes podem analisar as diferentes relações sociais dentro de uma instituição, observando assim as carências e necessidades existentes e propondo modificações nesse aspecto. Através da capacitação de realizar planejamentos educativos e de aprendizagem e desenvolvimento corporal, os pedagogos podem propor melhores alternativas para a execução de atividades, assim visando atender dinamicamente às demandas de todos os participantes. Ademais, a vivência das estagiárias no espaço não escolar foi de grande importância, contribuindo para a construção de experiências pedagógicas necessárias para a obtenção de conhecimentos e melhor qualificação profissional.

Referências:

BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

BERCHT, Magda. **Em direção a agentes pedagógicos com dimensões afetivas**. Instituto de Informática. UFRGS. Tese de doutorado. Porto Alegre, dez 2001.

BEZERRA, Mayam de A.; HERMIDA, Jorge Fernando. **Educação e corporeidade:** vivências na educação infantil. Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, Ano 4, Vol VII, nº 2, p. 74-91, jul-dez, 2011.

BRASIL, Constituição Federal de 1988.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não Formal e o Educador Social:** atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo:Cortez, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

LOPES, V.P. et al. **Estudo do nível de desenvolvimento da coordenação motora da população escolar (6 a 10 anos de idade) da Região Autônoma dos Açores.** Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 2003, v. 3, n.1. Disponível em: www.fade.up.pt/rpcd/_arquivo/artigos...3.../1.5.investigacao.pdf. Acesso em: 22 de fevereiro de 2020.

OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Tratados de metodologia Científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses;** revisão Maria Aparecida Bessana. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesine de. **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática.** 17ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores** – unidade teoria e prática. São Paulo. Cortez, 2001.

PIMENTA e LIMA, Selma Garrido e Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência:** diferentes concepções. In: Revista Poiésis. Vol. 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1996.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.